

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 64

Data: 22 de julho de 1991

Pg.: _____

ENTREVISTA/Gilberto Mestrinho

“A AMAZÔNIA NÃO É INTOCÁVEL. ELA NÃO É UM MUSEU”

● MANAUS — A polêmica faz parte da vida de Gilberto Mestrinho Raposo Medeiros. Aos 63 anos, governador do Amazonas pela terceira vez, o boto tucuxi, apelido que lhe foi dado pelo escritor Márcio Souza em A irresistível ascensão do boto tucuxi, Mestrinho está sendo visto como uma espécie de vilão ecológico. Ele defende a exploração racional da floresta tropical e a exportação de madeira. Quer que se abra temporada de caça aos jacarés (segundo ele comem os peixes que garantem a sobrevivência dos caboclos), e é a favor da exploração de minérios em áreas indígenas, como ouro e

cassiterita nas reservas dos ianomâmis. Cassado em 64, acusado de corrupção, Mestrinho deu a volta por cima: elegeu-se governador em 1982 e voltou a ocupar o Palácio Rio Negro com maioria absoluta em 99% dos municípios. Ao apresentar na semana passada seu Código Amazônico, que permite a exploração econômica em toda a Amazônia Legal, Mestrinho voltou à crista da onda. “Temos ecologistas no Brasil que não conseguem diferenciar uma tartaruga de um tracajá”, sentencia. No final da semana passada, Mestrinho explicou seus pontos-de-vista ao JORNAL DO BRASIL.

Ronaldo Brasiense

O senhor continua distribuindo motosserras a seus eleitores?

- Eu nunca dei uma motosserra a alguém. Mas acho que o homem atual anda de jato, compra trator, computador, e não acho justo que o nosso caboclo seja obrigado a passar seis meses fazendo sua roça com cabo de machado. Não fomos nós que inventamos a motosserra. Foram os americanos, os canadenses, os europeus, que a utilizam para destruir a floresta mais rapidamente.

- O seu Código Amazônico está causando muita polêmica. Ele não é inoportuno num momento em que os países ricos poderiam liberar mais dinheiro para o Brasil?

- Não. Se fosse para continuar tudo como estava não haveria a necessidade de se fazer esse Código. O propósito dele é disciplinar, regulamentar aquilo que é feito contra a vontade ou sem que seja ouvida a comunidade amazônica. Se fosse para manter o status quo não precisava fazer código.

- O seu plano não se choca com a legislação ambiental vigente?

- O que nós queremos é que as medidas adotadas em relação à Amazônia, em qualquer sentido, sejam baseadas no conhecimento da região. Além disso, queremos que a comunidade amazônica, que é a mais interessada, seja ouvida. Acho que isso não é pedir demais.

- Mas o projeto não representa o oposto do que foi proposto pelo governo brasileiro ao Grupo dos Sete?

- Não acho. Acredito que os dois documentos possuem mais pontos convergen-

tes do que divergentes. Acho que a diferença é apenas de conceitos.

- O senhor defende a exploração mineral em terras indígenas e nos parques nacionais?

- Olha, o governo federal acha que deve dar 9 milhões de hectares de terras para os três mil ianomâmis de Roraima. Acho que não se está tendo interesse em proteger efetivamente os ianomâmis. Há interesse em fazer áreas minerais futuras, com grande prejuízo para as populações não indígenas. Dentro desse princípio, o estado de Roraima deve desaparecer - todo ele se transformaria em terra indígena.

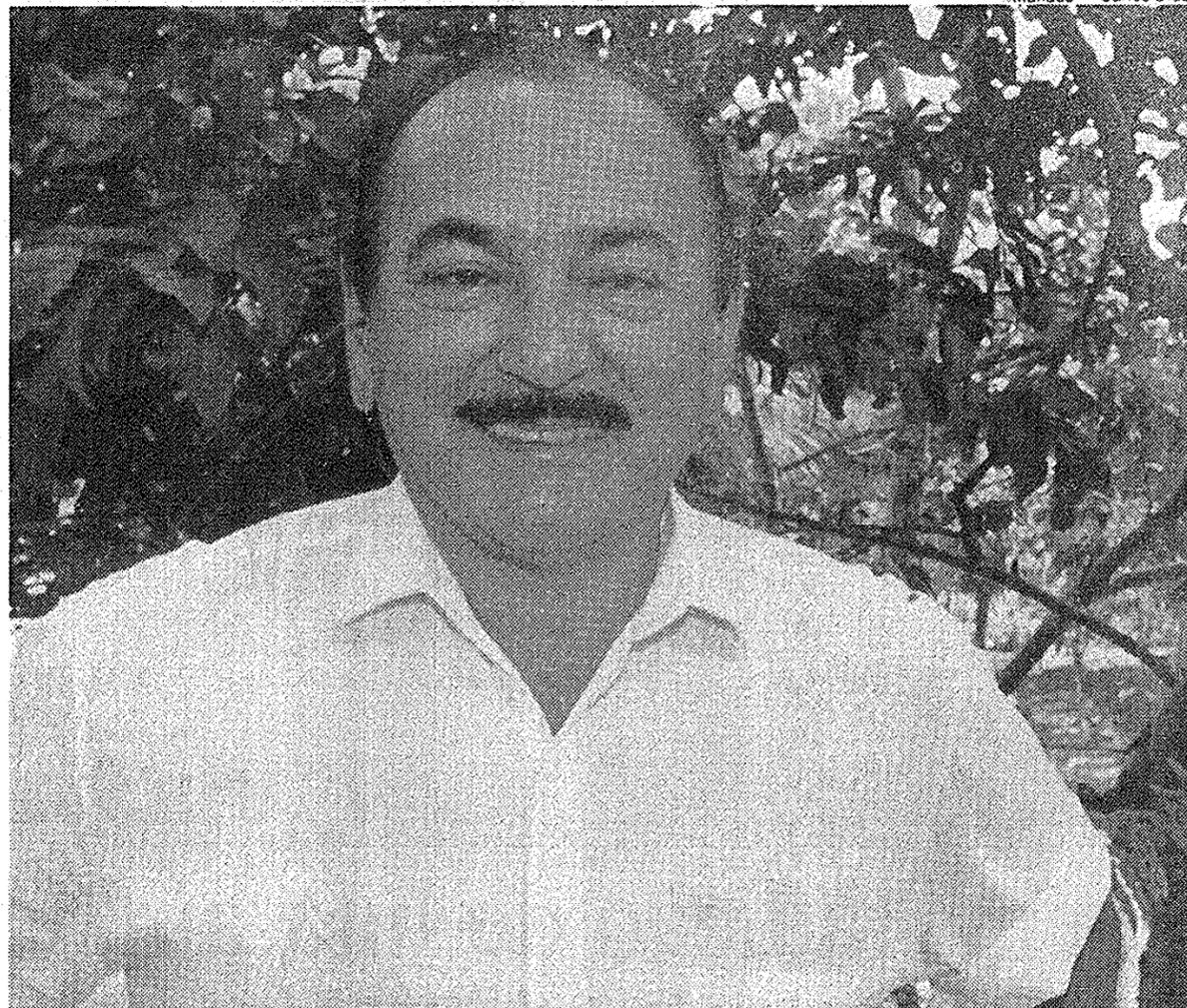
- O senhor vê uma orquestração internacional para se tomar a Amazônia do Brasil?

- Ai é que está o problema. O que há no mundo não é o desejo de ocupar a Amazônia. Há, sim, o interesse de evitar o desenvolvimento da Amazônia, a exploração de suas riquezas, pois é uma riqueza concorrente com as atividades estabelecidas em outros países. É o caso da cassiterita de Ariqueemes, que fez fechar minas na Malásia. Ou do ouro da área indígena ianomâmi, que pode prejudicar a África do Sul. Ou ainda da madeira da Amazônia, que pode concorrer com a dos Estados Unidos e Canadá.

- Como o senhor defende a exploração da floresta?

- Como se faz na Suécia, na Finlândia, onde eles exploram há centenas de anos e a floresta permanece. Racionalmente, portanto. Os Estados Unidos e o Canadá exportam madeira em tora. No Brasil, isso é proibido.

- A entrada de capital estrangeiro para projetos ambientais na Amazônia o preocupa?



Manaus — Carlos Dias

- A história tem nos mostrado que a atitude dos europeus em relação à Amazônia sempre foi trágica. Exploração de índios, levando nossas riquezas daqui. E querem falar agora. Fantasiavam pessoas de missionários para tirar amostras minerais e fazer ocupação. E os americanos na proteção dos índios são o que todo mundo sabe. Eles têm muita experiência em lidar com os índios, não é?

- Existe uma cobiça internacional pela Amazônia?

- Eles começam a se desmoralizar quando começam a falar em soberania restrita, soberania brasileira circunstancial sobre a Amazônia. Isso é um absurdo. Se os países desenvolvidos estivessem de fato preocupados com o meio ambiente, adotariam medidas capazes de melhorar lá mesmo, nesses países, a situação do meio ambiente universal. Os grandes poluidores não somos nós. Eu duvido que os americanos reduzam a produção do CFC. Ao contrário, eles estão aumentando em 20%. Duvido que diminuam a emissão do dióxido de carbono na atmosfera.

- O senhor defende posições polêmicas, como a caça aos jacarés e a outros animais da fauna brasileira.

- Na semana passada, aqui mesmo em Manaus, um jacaré arrancou a perna de um ribeirinho. O mundo consome sete milhões de peles de jacaré anualmente. O príncipe Charles, da Inglaterra, fala com orgulho que melhor caçador que ele, só seu pai. O rei Juan Carlos, da Espanha, também adora caçar. Na França eu contei 52 restaurantes especializados em carne de caça. Na Finlândia, os restaurantes vendem pratos feitos à base de fígado de Rena. Na Flórida, o governador mandou abrir temporada de caça aos jacarés. Ora, só no Brasil quando alguém é apanhado caçando vai preso, e por um crime considerado inafiançável. Eu tenho essa pregação e por causa disso já recebi uma

tonelada de cartas do mundo inteiro com insultos. Hoje já tenho apoio de conservacionistas. Quanto aos jacarés, eles consomem quilos de peixe diariamente, tirando o sustento do caboclo. O Ibama ensina ao caboclo que ele não deve matar jacaré mas não ensina ao jacaré que ele não deve matar o caboclo.

- Como o senhor vê esse grande interesse mundial pela ecologia atualmente?

- Existem duas correntes. Há uma corrente preservacionista que defende a intocabilidade. A Amazônia deve ser um museu, defendem. Tiram os homens brancos daqui, deixam os índios e acabou. Há os conservacionistas. Estes são

a favor da manutenção do meio ambiente mas querem que o homem desfrute desse meio ambiente usando inteligência, tecnologia, o avanço científico. Se eu tiro uma árvore, planto uma árvore no lugar dela. Eu sou conservacionista. Sou contra essa história de que a Amazônia é intocável.

- O senhor não está se transformando no maior vilão ecológico brasileiro ao defender posições tão extravagantes?

- Eu prego o que deve ser feito. Ninguém me viu pregando derrubar a floresta para fazer campo de pastagem. Eu defendo que se exporte o que o mercado quer comprar, inclusive madeira em tora. Os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, e o Canadá, com todo o seu desenvolvimento, são os maiores exportadores de madeira em tora do mundo. E fazem propaganda contra. O Brasil, então, faz o jogo dos cartéis internacionais que dominam o mercado madeireiro, um mercado de 10 bilhões de dólares anuais.

- O senhor tem idéia de quanto a Amazô-

nia perde por não explorar suas riquezas naturais?

- Olha, o custo social é incomensurável. Porque o caboclo que não pode retirar nada da floresta - a madeira, a caça, etc..

- não pode explorar minérios, ele não tem o que fazer e sobrevive numa extrema pobreza.

- A exploração mineral é viável na Amazônia sem a destruição da floresta?

- O projeto de cassiterita do Pitinga, aqui no Amazonas, em Presidente Figueiredo, rende 150 milhões de dólares anualmente, gera 4 mil empregos e garante US\$ 20 milhões em impostos para o estado do Amazonas. E nós temos até mesmo petróleo e gás natural.

- E como o senhor vê a atuação do Ibama?

- No ano passado o Ibama conseguiu fazer uma coisa que eu acredito que desde o Orellana (Francisco Orellana, navegador espanhol que atingiu a foz do Amazonas em 1500) ninguém conseguiu: foi ver uma jangada de toras de madeira no fundo do rio. A

dra. Tânia Munhoz viu e multou em valores superiores ao faturamento anual das empresas, que entraram todas em concordata. Resultado: no município de Itacoatiara, onde havia 4 mil 800 empregados na indústria madeireira, hoje só tem 800. Temos 4 mil passando fome e ninguém pagou a multa.

- E a atuação do professor José Lutzenberger, secretário do Meio Ambiente?

- Acho que o Lutzenberger não está fazendo nada. Quem executa a política de meio ambiente do governo é o Ibama. O Lutzenberger mostrou o que sabe quando disse que os campos naturais de Roraima são o resultado da devastação da floresta. Depois disso, não deveria falar mais nada.

Não prego a derrubada da floresta para transformá-la em pastagens